

ANÁLISE DO DISCURSO: O NASCIMENTO DE UMA DISCIPLINA INTERDISCIPLINAR

Antonio Wallace Lorges¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo tecer algumas considerações a respeito do surgimento de uma disciplina que surgiu na França, na década de 60, em decorrência dos embates políticos e teóricos que ocupavam o centro das atenções no pensamento científico e social da época. Trata-se da Análise do Discurso Francesa. Além disso, procura-se entender, no âmbito deste trabalho, como o Estruturalismo saussuriano serviu de base crucial para o fortalecimento de uma disciplina nova que, aos poucos, tinha que ir se afirmando no mundo científico da época, e, ao mesmo tempo, criando seu objeto de pesquisa que ainda não era bem definido. Este trabalho, portanto, terá como limite teórico esclarecer o caminho percorrido por essa disciplina até se colocar no campo (às vezes no centro) das discussões teóricas dos estudos linguísticos, segundo os pressupostos de Orlandi (1999), Malidier (2003) e Pêcheux (1992, 1997).

Palavras-chave: Análise do discurso; Estruturalismo; Psicanálise; Sociologia.

Abstract: This article aims to make a few considerations about the emergence of a discipline that originated in France in the 60's due to political clashes and theorists who were at the center of attention in scientific and social thinking at that time. It is about the French Discourse Analysis. In addition, we intend, in this work, to understand how the Saussurean Structuralism served as crucial basis to the strengthening of a new discipline that gradually had to go based asserting the scientific world of the time, and at the same time, creating its own object that was not well defined. This work, therefore, will clarify theoretical limit the path of this discipline to put in the field (sometimes in the center) the theoretical discussions of language studies, according to the assumptions of Orlandi (1999), Malidier (2003) and Pêcheux (1992, 1997).

Keywords: Discourse analysis; Structuralism, Psychoanalysis, Sociology.

Primeiras palavras

Estudar o funcionamento e a natureza da linguagem e suas relações é, sem dúvida, uma atividade fascinante. Não porque a língua (manifestação particular da linguagem) reflete a realidade numa relação de transparência, como insinuavam os filósofos da Grécia antiga (MARTELOTTA, 2008, p. 45) que, em seus estudos clássicos, discutiam a relação entre a língua e a realidade. Muito menos por expressar o pensamento humano, numa relação entre

¹ Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES e Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (mestrado sanduíche) e professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo - IFES.

linguagem e lógica, como insinuava Aristóteles². O interessante de se estudar a linguagem humana, em geral, é perceber que ela sempre nos apresenta uma nova face reafirmando seu caráter de opacidade, dinamicidade e relação direta com a sociedade, pois

a linguagem é própria do homem. [...] É a linguagem que permite ao homem pensar e agir. Pois não há ação sem pensamento, nem pensamento sem linguagem. É também a linguagem que permite ao homem viver em sociedade (CHARAUDEAU, 2008, p. 7).

Nesse sentido, não podemos mais afirmar que a língua seja transparente, um reflexo do mundo. Estudar a língua é uma maneira de perscrutar a faceta mais peculiar do ser humano; é tentarmos entender a realidade por diversos ângulos; é interpretarmos o mundo de diferentes maneiras e (por que não dizer?) criarmos uma nova realidade.

Contrários à visão de língua como espelho do mundo, podemos localizar aqueles autores preocupados em descrever a natureza e o funcionamento dos possíveis efeitos de sentido das línguas naturais. Por isso, relacionam seus dados com elementos mais externos, ou seja, com índices extralinguísticos, incluindo nesse bojo os estudos sobre o sujeito, a enunciação, as relações pragmáticas (de um modo geral), o interacionismo, o sócio-cognitivismo e as possíveis interseções entre essas áreas da própria linguística ou entre a linguística e as outras ciências, que também aceitam (com simpatia) as pesquisas linguísticas para suas reflexões.

Isso porque, ao contrário do que pensavam os seguidores de Saussure, a linguagem não se condiciona a uma separação formal entre língua; vista como fato social, herdado pelas gerações, com elementos de valor distintivo entre si e, por isso, passível de reflexão com base no sistema formal fechado cujos significados se encontram na própria relação distintiva e fala - fato individual, por isso variável, não sendo justificável seu estudo (segundo pensamento da época, a linguística não poderia lidar com objetos que não fossem estáveis).

É nesse terreno fecundo que, na década de 60 do século passado, em meio, principalmente, às ciências humanas e sociais, surgia uma disciplina que, em sua própria gênese, já se tornava interdisciplinar, pois seu principal objeto de reflexão, o discurso, requeria formas de análises específicas como a análise do sujeito, da ideologia e dos fatos políticos adjacentes a eles e, ainda, suas relações com a sociedade. Esses elementos eram de extrema importância para entender a sociedade como um todo, sob uma perspectiva

² Ibid., p.45,46

ideológico-social, e isso só era possível através da Linguística, campo de estudos que acabara de se firmar no mundo das ciências modernas.

Assim, com o embasamento da Linguística, essa disciplina buscava relacionar todos esses fatos aos possíveis efeitos de sentido desencadeados pelas relações entre língua e sociedade. Surge assim a Análise do Discurso de linha francesa. Hoje, a Análise do Discurso Francesa, doravante ADF, se solidifica cada vez mais como um campo interdisciplinar no que concerne às características que podem contribuir como instrumentos de análise acerca do funcionamento da comunicação humana, numa perspectiva que leva em consideração os fatos externos à linguagem, mas que são cruciais nas relações de sentido. Em especial, esta corrente tem nos oferecido elementos de cunho pragmático, histórico, filosófico e social uma vez que considera as relações de comunicação permeadas pelas ideologias dos sujeitos considerando a história e a sociedade às quais pertencem. Como afirma Fiorin (1990) (apud MUSSALIM 2009, p. 114):

O que é específico de todas essas Análises do Discurso é o estudo da discursivização, ou seja, o estudo das relações entre condições de produção dos discursos e seus processos de constituição.

No entanto, como toda área interdisciplinar, a ADF encontra suas consistências e, ao mesmo tempo, confronta-se com seus objetos, obrigando-a a reformulações, o que teria ocasionado o surgimento de várias vertentes. Isso porque a ADF não surgiu espontaneamente como uma teoria pré-determinada, gestada no seio de outra corrente que lhe tenha conferido um valor de contiguidade. Essa linha de estudos emergiu em meio a inúmeras situações políticas na França que reivindicavam contornos teóricos de outras áreas do conhecimento, tais como a Filosofia da Linguagem, a Sociologia, a Psicanálise e, sem deixar de fora, os postulados do mestre genebrino suportados pela Linguística, que já se firmara como ciência autônoma. Por isso, hoje, a ADF tem representantes que com seu fôlego teórico sustentam uma disciplina que, como já foi dito, nos fornece um rico aparato teórico para lidarmos com questões sociodiscursivas pelo seu teor abrangente em termos extralinguísticos.

É nesse sentido que vale a pena revisitarmos os elementos que propiciaram o surgimento dessa área de conhecimento que é a ADF. Assim, para especificarmos a natureza dessa relação, vamos começar citando aquele que é considerado o fundador da ADF que, mesmo com sua formação de filósofo, fundou uma ciência multidisciplinar, hoje, muito explorada no campo da Linguística. Trata-se de Michel Pêcheux que, acerca do movimento de interseção entre a ADF e outras áreas, afirma:

Dizemos que esses dois elementos (a um só tempo, fenômenos linguísticos e lugares de questões filosóficas) pertencem à região de articulação da Linguística com a teoria histórica dos processos ideológicos e científicos, que, por sua vez, é parte da ciência das formações sociais: o sistema da *língua* é, de fato, o mesmo para o materialista e para o idealista, para o revolucionário e para o reacionário, para aquele que dispõe de um conhecimento dado e para aquele que não dispõe desse conhecimento, (PÊCHEUX, 1997, p.88, grifos do autor).

O surgimento da ADF é frequentemente relacionado a uma corrente de pesquisadores que, embora tivessem preocupações distintas, foram tomados por questões oriundas dos espaços políticos do marxismo e dos assuntos emergentes de algumas ciências, tais como a Filosofia, a História, a Sociologia e a Linguística, em especial, do Estruturalismo.

Portanto, podemos dizer que o projeto da ADF emergiu de um contexto sócio-político, mas que teve como lugar de materialidade o estruturalismo saussuriano. A concretude linguística, ocasionada pela relativa autonomia que essa ciência adquirira, graças aos parâmetros do mestre genebrino em formular um sistema fechado de estudos sobre a linguagem, propiciou a formação de um terreno que reunia ideias políticas e sociais em comum, funcionando como uma “incubadora”, mas, ao mesmo tempo, como uma “cúpula”, onde podiam ser discutidas livremente, sem ter que passar pelo cientificismo da época, ponderações acerca da relação de produção capitalista das teorias de Karl Marx.

É nesse interstício linguístico que Althusser postulou sua releitura de Marx quando escreveu *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado* (1970). Como afirma Mussalim, (2009, p.105):

O projeto althusseriano, inserido em uma tradição marxista que buscava apreender o funcionamento da ideologia a partir de sua materialidade, ou seja, por meio das práticas e dos discursos dos AIE, via com bons olhos uma Linguística fundamentada sobre bases estruturalistas. Mas uma Linguística saussuriana, uma Linguística da língua, não seria suficiente; só uma teoria do discurso, concebido como o lugar teórico para o qual convergem componentes linguísticos e socioideológicos, poderia acolher esse projeto.

No próximo tópico, vejamos como isso aconteceu.

As contribuições para o firmamento de uma disciplina discursivo-social

Althusser foi responsável pela criação de um objeto de estudo, vislumbrado na obra de Pêcheux (*Análise Automática do Discurso*, 1969), seguindo o materialismo histórico. No anseio de descrever as teorias de Karl Marx que falavam sobre os mecanismos responsáveis pela reprodução das relações de produção capitalista, Althusser engendrou um projeto, cujos

reflexos, poderíamos dizer, também foram determinantes na fase inicial da instituição da ADF. Foi nesse sentido que Althusser deu o primeiro passo.

Para ficar mais clara essa questão, recensearemos alguns pressupostos que se encontram na gênese da ADF perpassando por alguns fatores que convergiram para a fundação de uma ciência que mais tarde “respingaria” também em outras áreas do conhecimento.

Inicialmente, cabe sublinhar que, sob circunstâncias diversas, numa dada época, para ser mais específico na década de 60, nascia essa disciplina cujo objeto não se encontrava pronto, ou seja, a AD ao mesmo tempo em que surgia, tinha que se consolidar em seu campo criando seu próprio objeto. Felizmente, essa era uma época de reafirmação da Linguística como disciplina autônoma que, graças ao Estruturalismo, ganhava consistência e se impunha como uma área para a qual escoavam várias questões e impasses de ordem política, social, filosófica. Essas questões necessitavam de um “campo de força” para se enrijecerem e, conseqüentemente, tomarem caminhos e formas diversas. Assim aconteceu com a ADF. Seu principal tributário, Michel Pêcheux, encontrou todo um cenário propício para o desenvolvimento de uma teoria que juntava temas de cunho filosófico, social e psicanalítico.

No cenário social, destacam-se como ponto de partida as teorias marxistas segundo a qual era possível detectar na sociedade uma teoria das ideologias particulares. Ou seja, sobre os postulados de Marx, desenvolveram-se reflexões que descreviam uma batalha travada entre lutas de classes dentro das quais poderíamos distinguir discursos que se “chocavam” em função de uma relação hierárquica em que se localizavam tais classes segundo suas relações trabalhistas.

Essa ponderação foi suficiente para Althusser desenvolver não uma teoria das ideologias particulares, mas uma teoria da ideologia em geral. Em seu projeto filosófico, Althusser evidencia o mecanismo responsável pela reprodução das relações de produção que, segundo ele, é comum a todas as ideologias particulares. Baseado no materialismo histórico, esse autor afirma em seu trabalho, *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado* (1970), que as relações deveriam ser estudadas de acordo com a materialidade das ações concretas, não das ideias, ou seja, para descrever essas relações sociais, Althusser considera o conjunto de práticas materiais que solidificam essa divisão, dentro das quais a luta de classes acontece concomitantemente às transformações que dela ocorrem. Sobre isso, afirma Pêcheux, (1997, p.144):

Ao falar de “reprodução/transformação”, estamos designando o caráter intrinsecamente contraditório de *todo modo de produção que se baseia numa divisão em classes, isto é, cujo “princípio” é a luta de classes*. Isso significa, em particular, que consideramos errôneo localizar em pontos diferentes, de um lado, o que contribui para a reprodução das relações de produção e, de outro, o que contribui para sua transformação: a luta de classes atravessa o modo de produção em seu conjunto, o que, na área da ideologia, significa que a luta de classes “passa por” aquilo que L. Althusser chamou os aparelhos ideológicos de Estado. (grifos do autor)

Foi a deixa que Michel Pêcheux precisava para desenvolver um jeito próprio de se analisar o discurso, pois “*era preciso re-pensar a questão da ideologia, passando pela linguagem*”, (MALDIDIER, 2003, p.11).

O esforço de Michel Pêcheux, que nem sempre foi reconhecido, pois era pouco ouvido e lido, quando vivo, resumia-se em construir um novo objeto de estudo ao qual poderíamos atribuir uma característica já interdisciplinar: as inquietações do filósofo não causaram uma boa reação por parte de outros intelectuais da época, época na qual se deflagrava grande crise política na França. Pêcheux elaborava uma ciência com implicações diversas de outras áreas, tais como a filosofia, as ciências da linguagem e as ciências humanas e sociais, fundando assim uma forma de conhecimento que tomava por objeto outro tipo de abordagem, ou seja, o novo objeto teórico, ao mesmo tempo em que se solidificava numa direção diferente da direção das demais ciências, era atravessado pela história, pela filosofia e pela psicanálise sem antes deixar de passar pelas leis linguísticas, reconhecidas cientificamente pela comunidade da época. Porém, curiosamente, Pêcheux não submeteu seu projeto somente à esfera linguística, não o pensou como uma passagem natural da instituição filosófica para essa ciência. É nesse sentido que Maldidier (1994) (*apud* MUSSALIM, 2003, p. 105) afirma que o objeto discurso de que se ocupa Pêcheux em seu empreendimento “*não é uma simples ‘superação da Linguística saussuriana’*.” O próprio Pêcheux, em sua obra *Les Vérité de la Palice*, aqui no Brasil traduzida por Eni Orlandi (1997) com o título de *Semântica e Discurso* (uma crítica à afirmação do óbvio) explica como se deu essa apropriação de questões externas à Linguística pela própria Linguística:

[...] se a Linguística é solicitada a respeito destes ou daqueles pontos exteriores de seu domínio, é porque, no próprio interior de seu domínio (em sua prática específica), ela encontra, de um certo modo, essas questões, sob a forma de questões que lhe dizem respeito [...]. (PÊCHEUX, 1997, p.88)

Em outro ponto do texto, ao se questionar como conceber a intervenção da filosofia materialista no domínio da ciência linguística, Pêcheux³ nos dá mais detalhes:

Tentaremos mostrar que, longe de fornecer resultados, essa intervenção consiste, sobretudo, em abrir campos de questões, em dar trabalho à Linguística em seu próprio domínio e sobre seus próprios “objetos”, por meio de sua relação com objetos de um outro domínio científico: a ciência das formações sociais, [...] (grifos do autor).

Assim, em outra obra de Pêcheux, intitulada *Análise Automática do Discurso* (1969), ele fornecia uma possibilidade de formalização do discurso, pois oferecia procedimentos de leitura suficientes para que os projetos de Althusser ganhassem visibilidade e consistência dentro de um projeto novo, quer dizer, a inauguração de uma ciência que considerasse o sujeito e toda sua ideologia, historicamente falando, como protagonistas dessa nova ciência. Nesse ponto, outro teórico teve participação essencial, trata-se de Lacan apud Mussalim (2009, p. 110):

O sujeito lacaniano, clivado, dividido, mas estruturado a partir da linguagem, fornecia para a AD uma teoria de sujeito condizente com um de seus interesses centrais, o de conceber os textos como produtos de um trabalho ideológico não-consciente. Calcada no materialismo histórico, a AD concebe o discurso como uma manifestação, uma materialização da ideologia decorrente do modo de organização dos modos de produção social. Sendo assim, o sujeito do discurso não poderia ser considerado como aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas como aquele que ocupa um lugar social e a partir dele, enuncia, sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras.

Então, segundo uma análise automática do discurso, Pêcheux acreditava numa possibilidade de criação de diferentes discursos que determinavam as relações de produção do sujeito histórico e ideológico.

Portanto, para esta direção convergia uma nova interpretação do sujeito e do sentido. O mérito de Pêcheux, podemos dizer, foi fazer nascer e nutrir uma disciplina que tratava da ideologia, porém por outra via de acesso, ao tratar da materialidade ideológica no suporte da materialidade da língua, do qual emanavam seus conceitos sobre os processos discursivos:

[...] a língua se apresenta, assim, como a *base* comum de *processos* discursivos diferenciados, que estão compreendidos nela na medida em que [...] os processos ideológicos simulam os processos científicos.; ...todo sistema lingüístico, enquanto conjunto de estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas, é dotado de uma

³ Ibid., p. 88.

autonomia relativa que o submete a leis internas, as quais constituem, precisamente, o objeto da Lingüística. É, pois, *sobre a base dessas leis internas que se desenvolvem os processos discursivos* [...]. (PÊCHEUX, 1997, p. 91, grifos do autor).

Observava-se, agora, não o sentido pronto, mas a construção do sentido a partir da construção do sujeito e vice-versa. É dessa capacidade de se analisar o discurso a partir de fatores ideológicos e históricos que Pêcheux funda uma ciência que vai se consolidar exatamente por considerar as dimensões múltiplas envolvidas no processo de produção do sujeito e do sentido sem, com isso, ignorar-se os fatores históricos do qual o sujeito e o sentido fazem parte. Em outras palavras, Pêcheux deslocou o conceito de ideologia gestado, até então, no seio de outras ciências e o tomou como ponto de partida para a fixação de um novo terreno cujo objetivo poderia ser traduzido na materialização de um sujeito ideológico, atravessado historicamente e que renascia de dentro de sua *máquina automática do discurso*⁴.

Mas a AD encontraria outros fatores e autores que a tornaria a mais nova ciência já desenvolvida em termos de discurso. Lacan, como já foi dito, foi um deles. Com base na psicanálise de Freud, este autor contribuiu fortemente para uma noção de sujeito dentro da ADF, pois embora o Estruturalismo oferecesse uma base vigorosa para as ideias da ADF, já que se fechava num circuito impermeável de análise, caracterizado como um sistema, essa corrente não dava conta de propiciar uma descrição da relação do sujeito com os discursos que circundavam a sociedade da época, exatamente por não considerar o sujeito como objeto de sua análise.

Voltando a Lacan, este autor deu força para que se concretizasse um dos elementos mais importantes e uterinos da teoria de Pêcheux: um sujeito ideológico. Através de uma releitura de Freud, Lacan põe em evidência o caráter frágil do signo saussuriano, no que diz respeito a outras significações precedentes a ele, ou seja, fala de outros discursos por detrás das palavras.

Segundo Lacan, o sujeito é dividido entre o consciente e inconsciente, pois no inconsciente localizam-se outros discursos passados. Portanto, o sujeito se presentifica por representações passadas que precedem a sua existência. Assim, um filho se manifesta com uma grande parcela de discursos que não lhe pertencem, mas que, em sua gênese, pertencem a seus pais.

⁴ Alusão à obra de Michel Pêcheux, já citada, intitulada *Análise Automática do Discurso* (1969), obra da qual Pêcheux formula sua hipótese de uma estrutura definida do processo de produção do discurso, ou seja, uma máquina de onde emanam discursos estáveis. Obra também que o colocaria de vez no cenário linguístico.

Então, Lacan, sobre a base estruturalista, postula uma estrutura rígida, regida por leis internas e baseadas no inconsciente, com a qual o sujeito vai se relacionar e fazer vir à tona discursos alheios, uma vez que esse autor considera que a língua é a condição do inconsciente. Em outras palavras, o sujeito para Lacan surge entre os interstícios do consciente e do inconsciente ou, transportando para a linguagem estruturalista, ele surge nos intervalos do código linguístico. Em consequência disso, se o sujeito é dividido, Lacan vai dizer que o que o sujeito diz é uma manifestação inconsciente de sua representação como ser reprodutor de ideologias anteriores e externas a ele. O sujeito não decide sobre o sentido de seu próprio discurso, ele apenas ocupa um lugar a partir do qual enuncia discursos alheios que são geridos a partir das possibilidades enunciativas do próprio discurso.

Assim, a ADF chega aos dias de hoje com conceitos-chave que, ao mesmo tempo em que apreende a amplitude dos processos discursivos que circulam numa sociedade, põe em relevo as condições de produção dos discursos pertencentes à mesma sociedade, revelando, além da ideologia dos sujeitos, o jogo que se instaura entre linguagem e discurso.

Considerações finais

Com base no que foi exposto até aqui, é importante ratificarmos os elementos que propiciaram o surgimento dessa área de conhecimento que é a ADF, pois, se por um lado, não há como ignorar os fatores de ordem interna, que se realizam dentro da dimensão languageira onde os protagonistas do ato de comunicação confabulam discursivamente para direcionar sua materialidade linguística em prol da geração de sentido externo ao ato, por outro, para justificarmos tal ato languageiro, de maneira verdadeiramente abrangente, não devemos deixar de refletir sobre a questão da ideologia e do sujeito, vistos nestes termos como peças centrais na gênese do postulado da intencionalidade que é o que orienta todo o ato comunicativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.
- MARTELOTTA, M.E. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, M.E. (Org.) et al. *Manual de Lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MUSSALIN, Fernanda & BENTES, Anna Christina (orgs.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, vol.2. São Paulo: Cortez, 2009.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso. Princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso*. São Paulo, UNICAMP, 1997.

_____. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. São Paulo, Campinas: Pontes, 1992